



Biodiversidade Brasileira

Número Temático

Iniciativas de Inovação na Gestão de Unidades de Conservação

Editorial

Cristina Farah de Tofoli¹, Katia Torres Ribeiro², Monica Melo², Rafael Morais Chiaravalloti¹

O conhecimento é uma importante ferramenta de desenvolvimento organizacional. A inovação e melhor eficiência estão intimamente ligados à sua utilização. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, com centenas de unidades distribuídas em todo o território nacional, enfrenta o desafio de qualificar o conhecimento produzido utilizando-o como estratégia para aprimorar o processo de implementação das áreas protegidas sob sua administração, bem como a estratégia de conservação de espécies e outras ações para além do território das UCs.

Iniciativas visando o aprimoramento da gestão estão sendo implementadas nas unidades de conservação no país (exemplos em Araújo *et al.* 2012, Bensusan & Prates 2014). Embora específicas a cada realidade, elas estão imersas em temáticas comuns e com soluções passíveis de serem adaptadas a outros contextos (Chiaravalloti *et al.* 2015). Entretanto, a pouca tradição em registrar, ou mesmo tornar públicas, experiências e práticas do cotidiano, somada à dispersão geográfica das unidades, são desafios para o diálogo interno e o aprendizado institucional, bem como, para o aprimoramento e consolidação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, o SNUC.

Com a proposta de celebrar o conhecimento gerado nos mais variados temas que permeiam a gestão das unidades de conservação e proporcionar o intercâmbio dessas experiências e práticas inovadoras, realizou-se em maio de 2014 o “I Seminário de Práticas Inovadoras da Gestão de Unidades de Conservação”. Ele foi um dos frutos da parceria entre ICMBio e o Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ estabelecida em 2012 para entender melhor o tema, e que contou com o apoio ao longo da sua realização da Fundação Gordon and Betty Moore, da GIZ e da Embaixada Francesa em eventos específicos. Ao longo do processo estabeleceu-se que práticas inovadoras seriam aquelas iniciativas que promovem mudanças positivas na gestão da unidade, com potencial para serem replicadas nas demais.

Afiliação

- ¹ Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ. Rodovia Dom Pedro I, km 47, Nazaré Paulista, SP, Caixa Postal 47, CEP 12.960-000, Brasil.
- ² Diretoria de Pesquisa, Monitoramento e Avaliação da Biodiversidade – DIBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. EQSW 103/104, Bloco D, Brasília, DF, CEP 70.670-350, Brasil.
- ³ Diretoria de Ações Socioambientais e Consolidação Territorial em Unidades de Conservação – DISAT. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. EQSW 103/104, Bloco A, Brasília, DF, CEP 70.670-350, Brasil.

E-mails

tina@ipe.org.br; katia.ribeiro@icmbio.gov.br; monica.melo@icmbio.gov.br; rafaelmochi@gmail.com



No seminário foram apresentadas oralmente ou através de pôsteres 55 práticas inovadoras, as quais foram transmitidas ao vivo pelo canal do Youtube *educachico*. Para ampliar a repercussão, criou-se uma plataforma *online* em que todas das experiências estão listadas e descritas de uma maneira fácil e dinâmica, com disponibilização de mapas, fotos e síntese de cada experiência (www.icmbio.gov.br/praticasinovadoras/). Também foi produzida a revista “Gestores empreendedores: inovação na gestão de unidades de conservação”, (Menezes *et al.* 2014), em que as experiências são apresentadas em textos curtos tanto em português como em inglês.

Observa-se que as experiências apresentadas no Seminário foram realizadas em diferentes categorias de unidades de conservação (PARNA / ESEC / REBIO / APA / FLONA / RESEX), as quais se inserem em distintas realidades e contextos socioambientais. Destaca-se também que essas experiências incidiram e dialogaram com os diversos instrumentos de gestão das UCs, como o Plano de Manejo, os Conselhos Gestores, o Monitoramento Participativo, as Ações de Fiscalização e Proteção, a Regularização e Consolidação Territorial, dentre outros.

Nessa riqueza de diversidade de práticas e de territórios, podemos apreender alguns aspectos comuns, tais como o empreendedorismo dos gestores; o estabelecimento de parcerias (internas e externas); o envolvimento de instituições públicas e não governamentais de diversos setores, assim como de representantes da sociedade civil, de comunidades do entorno e de voluntários; a filosofia de respeito mútuo aos parceiros; o fortalecimento dos processos de capacitação continuada, diálogo e participação entre os diversos atores sociais envolvidos; a valorização do intercâmbio entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais para o incremento das práticas de manejo. Essas experiências demonstraram que, para enfrentar o desafio de consolidar as UCs, independente de pertencerem ao grupo de proteção integral ou de uso sustentável, é preciso olhar para além das próprias Unidades, envolvendo e sensibilizando a sociedade sobre o papel e a relevância das áreas protegidas.

Neste número de Biodiversidade Brasileira, cinco dessas experiências são relatadas com detalhamento de métodos, resultados, discussão e com um maior aprofundamento teórico e reflexivo sobre a contribuição para a gestão das unidades.

Cronemberger & Castro mostram a evolução na relação entre pesquisa e gestão no Parque Nacional da Serra dos Órgãos/RJ, em função de uma ampla estratégia de envolvimento de pesquisadores, desde a organização e internalização dos dados de pesquisa ao contato direto com pesquisadores, ampliação dos fóruns de participação e discussão e várias formas de estímulo, com resultados expressos em números (unidade de conservação com maior número de autorizações de pesquisa no país) e na contribuição dos pesquisadores com vários instrumentos e momentos da gestão.

Lisboa & Lisboa (2015) trazem a experiência do Parque Nacional do Viruá/RR na promoção da pesquisa, tornando-a a unidade de conservação mais pesquisada da Amazônia, atingindo níveis altíssimos de riqueza de espécies reportadas para vários grupos, especialmente peixes, derivados deste investimento em pesquisa, que resultaram no envolvimento de pessoas da região nas atividades de pesquisa e distribuição de recursos, possibilitando ainda o estímulo ao turismo de observação, proposta de declaração como sítio Ramsar, dentre outros.

Patrícia Pinha e colaboradores reportam parte da intensa experiência de gestão na Reserva Biológica do Lago Piratuba/AP, em dois artigos. O primeiro trata dos acordos de conservação estabelecidos na unidade com moradores da comunidade de Sucuriju que pescam nos lagos da unidade. Os autores descrevem o processo de construção, os avanços, os benefícios do diálogo, resultados dos monitoramentos dos acordos e as perspectivas futuras. No segundo artigo, mostram como é possível inovar até mesmo na seara da construção de prédios públicos – detalham os caminhos que viabilizaram a construção da sede administrativa da Reserva com técnicas da permacultura, adequada em termos ambientais e arquitetônicos, com valorização da cultura local, gerando construção de elevada qualidade.



Pereira et al. contam sobre a Aliança das águas, com foco nos serviços ambientais e sensibilização da população, iniciativa do Parque Nacional da Serra das Lontras/BA que envolveu diferentes instituições com o objetivo de conhecer a contribuição do Parque no fornecimento de água bem como a percepção dos moradores da região sobre questões ambientais relacionadas à manutenção das águas. Um parque criado recentemente que começa sua história com forte envolvimento dos moradores na discussão sobre sua importância local e regional.

Além destas experiências constantes no seminário de práticas inovadoras, contamos com outras duas contribuições: Maya e colaboradores refletem sobre a sistematização de experiências relacionadas a iniciativas de inclusão produtiva. O artigo destaca a importância de consultores e técnicos do ICMBio refletirem conjuntamente sobre as ações realizadas, contribuindo para o aprendizado pessoal e institucional. Queiroz & Podcameni trazem outra perspectiva - comparam os cenários que favorecem a inovação em firmas com aqueles encontrados nas unidades de conservação, e destacam o papel que o conhecimento e a capacitação, respeitando especificidades regionais e locais, têm na potencialização da inovação, que no entanto encontra diversas barreiras para sua percolação, muitas vezes relacionadas à cultura organizacional.

Com este número de Biodiversidade Brasileira esperamos contribuir para fortalecer a gestão das unidades de conservação, por meio do compartilhamento e valorização de experiências importantes, que têm caráter inovador bem como alto potencial de replicação, buscando ainda fortalecer a memória institucional.

Referências bibliográficas

Araújo, M.A.R.; Marques, C.P. & Cabral, R.F.B. 2012. Unidades de conservação no Brasil – o caminho da gestão para resultados. Editora RIMA, 536 p.

Bensusan, N. & Prates, A.P. (org.) 2014. A Diversidade cabe na unidade? Áreas protegidas do Brasil. Mil Folhas do IEB. 732p.

Chiaravalloti, R.M., Delelis, C., Tofoli, C. ; Padua, C.V.; Ribeiro, K.T. & Menezes, G.A. 2015. Federal protected areas management strategies in Brazil: sustainable financing, staffing, and local development. **Natureza & Conservação**. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ncon.2015.05.003>

Menezes, G.A.; De Andrade, C.D.; Rehder, T.; Tofoli, C. & Chiaravalloti, R.M. (ogs.) 2014. **Gestores empreendedores: inovação na gestão de unidades de conservação**. ICMBio, IPÊ. Brasília, DF. 97págs.